



## CONCEPÇÕES DE TEXTO DA TRADIÇÃO RETÓRICA À TRADIÇÃO DISCURSIVA

Valéria Severina Gomes<sup>1</sup>  
Mari Noeli Kiehl Iapechino<sup>2</sup>

**RESUMO:** Considerando o crescente número de pesquisas sócio-históricas, no Brasil, que têm tomado como embasamento teórico os pressupostos da Teoria das Tradições Discursivas, perspectiva de trabalho oriunda da Filologia Pragmática alemã, este artigo tem como objetivo apresentar alguns aspectos teóricos concernentes a essa abordagem, a fim de contribuir com as reflexões atuais sobre as concepções que embasam os estudos da língua e dos textos. Para isso, optou-se por uma trajetória histórica, uma vez que se busca traçar um contínuo com algumas concepções de texto da tradição retórica à tradição discursiva, buscando estabelecer as relações entre a historicidade da língua e a historicidade dos textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua; tradição discursiva; sócio-história.

**ABSTRACT:** Considering the growing number of socio-historical researches, in Brazil, which has taken as theoretical basis the presuppositions of the Discursive Traditions of the Theory, working perspective proceeding of the German Pragmatic Philosophy, the purpose of this article is to introduce some theoretical aspects concerning this approach, as a way to contribute with the present reflections about the conceptions on which the studies of the language and text are established. For this, the option was in favor of an historical trajectory, considering that the purpose is to build a continuous link between some conceptions of text of rhetorical tradition with the discursive tradition, aiming at establishing the relations between the historicity of the language and the historicity of the texts.

**KEYWORDS:** language; discursive tradition; socio-history.

### 1. Introdução

O pressuposto básico que norteia essa discussão é o de que a língua se manifesta nos textos e ambos se manifestam nas práticas sociais. Nesse caso, os traços de mudança e de permanência observados na trajetória de um texto apontam para os traços de mudança e de permanência no funcionamento da língua. Em consonância com essa

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco e líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem.

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco e líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Linguagem

idéia, é preciso salientar sempre que essas transformações ultrapassam os elementos puramente lingüísticos e são condicionadas pelo contexto externo.

Essa é uma noção que embasa muitas análises de gêneros textuais, inclusive as análises diacrônicas. No entanto, há diferentes abordagens dos gêneros textuais que passam por tendências das mais estruturalistas às mais interacionistas; das mais formais às mais funcionais; das mais classificatórias às mais processuais; das mais teóricas e descritivas às mais didático-pedagógicas; das sincrônicas às diacrônicas e com diversas acepções como: domínio discursivo, tipo textual, tipo discursivo, gêneros textuais, gêneros retóricos e tradições discursivas.

A linha condutora para a observação da trajetória aqui apresentada é a do deslocamento dos estudos textuais de uma esfera classificatória e tipológica para uma análise que incorpore componentes sociais, históricos e culturais, ou seja: para uma esfera processual; de uma filologia tradicional para um enfoque dinâmico e funcional da língua e dos textos; de perspectivas exclusivamente formais para abordagens que perpassem o nível lingüístico-discursivo e formal. Com esse propósito, neste artigo encontra-se um percurso histórico, partindo de algumas concepções de texto da tradição retórica à tradição discursiva e passando por diferentes contribuições teóricas.

## **2. A tradição retórica**

Tanto a representação literária de Platão nas modalidades lírica, épica e dramática, encontradas no Livro III da República, quanto a Arte Retórica de Aristóteles, desempenhada ao vivo em locais de oratória pública de grande importância (BAZERMAN, 2005), representam as primeiras abordagens sistemáticas dos gêneros, a saber:

- o deliberativo (que servia para aconselhar/desaconselhar, e voltava-se para o futuro pelo caráter exortativo);
- o judiciário (que tinha função de acusar ou defender e voltava-se para o passado);
- o epidítico (que refletia o elogio ou a censura, retratando uma situação presente).

A partir da concepção textual de Aristóteles duas características ficam evidentes. A primeira consiste na associação de formas, função e tempo na teoria aristotélica

(MARCUSCHI, 2004a); a segunda revela que a retórica dos antigos é, de acordo com Klinkenberg (1997, p. 11), “*a primeira reflexão sobre os poderes da linguagem*”. Na retórica latina, Cícero e Quintiliano dão bons exemplos de uma postura contrária ao didatismo frio, prática que resulta de um plano rígido para a organização do discurso, desconsiderando a variedade dos motivos para a sua elaboração e a heterogeneidade do público (ANDRADE, 2001). Eles eram “*contra as teorizações de retóricos menores que enaltecem uma espécie de esquema discursivo onde a digressão se colocaria, obrigatoriamente, antes da conclusão ou entre a narração e a prova*” (ANDRADE, 2001, p. 31) (grifo nosso). Esse posicionamento precursor tomado por Cícero e Quintiliano remete às posições atuais que ressaltam o aspecto processual do texto e procuram evitar as definições classificatórias e as abordagens inflexíveis.

A retórica medieval recebeu a herança greco-romana. Apesar de ter sido à força a idade da palavra falada, quando as informações eram passadas pelos trovadores e jograis (RIZZINI, 1968). Nesse contexto, a defesa da tradição cristã pelos padres contra as acusações pagãs tornou o gênero retórico judiciário o mais compatível com a contenda.

No período do Renascimento são retomadas as reflexões sobre os gêneros literários e reavivada a tradição aristotélica. É o período em que “*cedia a informação oral o passo à informação escrita*” (RIZZINI, 1968, p. 25). Após a invenção de Gutemberg na metade do século XV, inicia-se a circulação de folhas volantes, impressos precursores do jornal, que eram predominantemente opinativas. Por meio delas houve a propagação de temas polêmicos, como a Reforma do Frei Martinho Lutero, a divulgação do descobrimento do Brasil na Europa, entre outros (RIZZINI, 1946; BELTRÃO, 1980). É com a substituição dessas folhas volantes por publicações periódicas regulares no século XVII que o jornalismo começa a se configurar como prática social (RÜDIGER, 1993).

Já no século XIX, Ferdinand Brunetiére (1890) desenvolve a teoria evolucionista dos gêneros, postulando que eles são como seres vivos, que nascem, se desenvolvem, vivem e morrem, fazendo jus a uma das concepções de língua que pairaram nessa fase: a língua como organismo vivo. Nesse século, Humboldt partia exatamente da oposição conceitual entre o produto ou obra (*ergon*) e o processo ou atividade (*energeia*) para estabelecer a sua concepção de linguagem como um processo contínuo (NEF, 1995). Hoje as concepções de texto como processo/produto levam em conta que as atividades

de produção de sentido são complementadas pelas interpretações dos leitores. Mas é no século XX que nos deparamos com os novos rumos da retórica.

### 3. A Nova Retórica

No século XX, a tradição retórica passa por guinadas que fazem surgir novas perspectivas, o que se vem chamando Nova Retórica. As análises recentes têm procurado vincular as regularidades nos tipos de discurso com uma compreensão social e cultural mais ampla da língua em uso. A Escola Norte-Americana, inserida neste contexto, comporta autores de várias nacionalidades com diferentes propostas teóricas. Dentre esses autores, Miller (1984) desenvolve a sua visão, considerando os gêneros retóricos, baseados em práticas retóricas, como uma forma de inserção sociocultural. Para Miller (1984:24), “*uma definição teoricamente saudável de gênero deverá centrar-se não na substância nem na forma do discurso, mas na ação em que ele é usado para atuar*”.

Na mesma trilha de Miller, Charles Bazerman examinou o desenvolvimento histórico do artigo experimental e observou que “*o gênero artigo experimental muda na medida em que se movimenta entre épocas, localidades e especialidades, cada um com pressuposições, dinâmicas e necessidades diferentes, bem como diferentes práticas materiais representadas nos dados e na narrativa*” (BAZERMAN, 2003, p. 134-135). Essa análise, entre outros trabalhos de cunho histórico desenvolvidos pelo autor sobre gêneros institucionais, reflete a concepção assumida por ele de que gêneros são recorrentes mediante produções textuais históricas.

Dentro da Escola Norte-americana, se por um lado Miller (1984 e 1994) e Bazerman (1994, 2003 e 2005) procuraram compreender o que são, como são e como funcionam os gêneros, numa abordagem sociológica, John Swales (1990 e 1992), por outro, dedicou-se aos gêneros acadêmicos em função do ensino de segunda língua, na perspectiva da Lingüística Aplicada. O conceito de gênero de Swales (1990, p. 58) suscita uma boa reflexão:

Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos membros partilham alguns propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos expertos membros da comunidade de discurso e com isso constituem a base lógica para o gênero. Essa base modela a estrutura esquemática do discurso, influencia e condiciona a escolha do conteúdo e do estilo. O propósito comunicativo é tanto um critério privilegiado e um critério que opera

para atingir o escopo de um gênero tal como aqui grosseiramente concebido e enfocado em ações retóricas comparáveis. Em aditamento ao propósito, os exemplares de um gênero exibem vários padrões de similaridade em termos de estrutura, estilo, conteúdo e audiência pretendida. Se todas as expectativas de probabilidade mais altas forem realizadas o exemplar será visto como prototípico pelos membros da comunidade de discurso. Os nomes dos gêneros herdados e produzidos pelas comunidades de discurso e importados por outras constituem valiosas comunicações etnográficas, mas que tipicamente necessitam de validação posterior.<sup>3</sup>

Pela dificuldade em estabelecer fronteiras fixas e categorizações, é preferível reconhecer que as tradições discursivas são transitórias, situadas e dinâmicas; sobretudo levar em conta que, de acordo com Maingueneau (2001, p. 66-68), os gêneros do discurso, como atividades sociais que são, submetem-se a condições de êxito, tais como:

- **Uma finalidade reconhecida:** todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa.

- **O estatuto de parceiros legítimos:** que papel deve assumir o enunciador e o co-enunciador? Nos diferentes gêneros do discurso, já se determina de quem parte e a quem se dirige a fala.

- **O lugar e o momento legítimos:** todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento.

- **Um suporte material:** o texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de *suporte/transporte* e de *estocagem*, logo, de *memorização*.

- **Uma organização textual:** dominar um gênero de discurso é ter uma consciência mais ou menos clara dos modos de encadeamento de seus constituintes em diferentes níveis: de frase a frase, mas também em suas partes maiores.

Em síntese, a identificação e a circulação bem sucedida dos gêneros ocorrem porque eles são “*a sedimentação de desenvolvimentos históricos*” (MARCUSCHI, 2003, p. 4) e “*são socialmente autorizados por meio de convenções*” (BHATIA, 1997, p. 14), indo mais além, de negociações entre os interlocutores. As negociações necessárias para a construção do sentido do texto estão vinculadas, também, ao

---

<sup>3</sup> *discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community. The genre names inherited and produced by discourse communities and imported by others constitute valuable ethnographic communication, but typically need further validation.*”

conhecimento partilhado. De acordo com Bhatia (1997, p. 17), “*os participantes compartilham não só o código, mas também o conhecimento do gênero, o que inclui conhecer sua construção, interpretação e uso*”.

#### **4. A perspectiva sócio-histórica**

A perspectiva sócio-histórica teve também grande influência nos estudos de gênero, principalmente na figura de Mikhail Bakhtin, com as idéias de dialogismo, interação e estabilidade relativa dos gêneros, com suas formas plásticas, flexíveis e livres. Como filósofo, concebe que a linguagem permeia toda a vida social, ou seja, a linguagem funciona na mediação entre os interlocutores e se materializa nos gêneros do discurso em relações complexas e dinâmicas entre linguagem e sociedade.

De acordo com Travaglia (2004, p. 115), a influência de Bakhtin também é notada nos trabalhos de ensino da língua a partir dos gêneros. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, conceituam gênero com base na proposta de Bakhtin (1992a): “*os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura*”.

É interessante ressaltar nesse conceito a ênfase dada à historicidade do gênero. Bakhtin (1992b, p. 108) postula que a assimilação de uma língua materna é um processo de integração social, ou seja, “*a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo*”. O mesmo processo de evolução contínua e de integração social se dá com os gêneros discursivos, pelo enfoque histórico do texto no contexto da história da língua. Além do caráter histórico, no que concerne à aquisição, Bakhtin (1992<sup>a</sup>, p. 301) assevera que “*os gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática*”.

Sob o mesmo ponto de vista dos autores citados, Bronckart (1999) requer o reconhecimento da pré-existência das atividades coletivas, da pré-existência das línguas naturais, com suas propriedades semióticas específicas, e da pré-existência dos gêneros textuais, com suas indexações sociais. Trata-se, de acordo com Maingueneau (2001, p. 65), de “*rotinas, comportamentos estereotipados e anônimos que se estabilizam pouco a pouco, mas que continuam sujeitos a uma variação contínua*.”. Nesse caso, ambos retratam a historicidade do texto.

Nesse processo de variação do gênero, no eixo sincrônico ou diacrônico, os domínios discursivos (MARCUSCHI, 2002) também são grandes responsáveis pela origem, transformação e desaparecimento de diferentes gêneros. Esse é o papel que Marcuschi (2004b, p. 14-15) atribui a esses domínios no momento em que os distingue da noção de gênero textual e de tipo discursivo. As diferentes noções acerca dos gêneros textuais expostas neste artigo contribuem para o balizamento de um novo conceito: o de tradições discursivas, termo concebido como atos comunicativos portadores de todas as propriedades genéricas e historicamente transmitidos em relação com a história da sociedade, da língua e das tecnologias. É pertinente expor aqui o que pode ser um ponto de contato entre o conceito de gêneros de discurso e de tradições discursivas. O estabelecimento dessa relação fica notório na referência etimológica, apresentada por Faraco (2003, p. 108) acerca da palavra gênero:

A palavra *gênero* remonta à base indo-européia \**gen-* que significa ‘gerar’, ‘produzir’. Em latim, relaciona-se com esta base o substantivo *genus, generis, genitum, gignere* (significando) ‘gerar’, ‘criar’, ‘produzir’, ‘provir’), com o qual se relacionam palavras como *genitor, primogênito, genital, genitura*. Por curiosidade, vale registrar que a palavra germânica *Kind* (criança) remonta àquela mesma base etimológica.

Como se vê, esse segmento vocabular se desenvolve a partir da semântica do processo de gerar (procriar) e dos produtos da geração (da procriação). A utilização do termo *gênero* para designar tipos de textos é uma extensão da noção de estirpe (linhagem) para o mundo dos objetos literários e retóricos. Assim como as pessoas podem ser reunidas em linhagens por consangüinidade, o mesmo se pode fazer com os textos que têm certas características ou propriedades comuns. A noção de gênero serve, portanto, como uma unidade de classificação: reunir entes diferentes com base em traços comuns. (destaques do autor)

## 5. As tradições discursivas

A teoria da tradição discursiva alemã pode ser inicialmente entendida por meio das palavras de Kabatek (2001, p. 99):

a historicidade discursiva seria, por exemplo, a da história dos gêneros textuais, dos atos de fala, os gêneros literários e retóricos e os estilos. Falar seria, pois, uma atividade universal que se realizaria através de um duplo filtro tradicional: a intenção do ato comunicativo teria que passar em cada momento pela ordem lingüística que encadeia os signos de uma língua segundo suas regras sintáticas e pela ordem textual que atualiza certas tradições discursivas.

Tal concepção e conseqüentes metodologias de análise que envolvem a historicidade da língua e dos textos, ainda pouco utilizadas nas pesquisas brasileiras, já



têm tradição nos estudos alemães iniciados por Coseriu (1987) Schlieben-Lange (1993), Jungbluth (1998), Oesterreicher (2002) e Kabatek (2003). Na perspectiva diacrônica, estão incluídas pesquisas como as que são desenvolvidas por Oesterreicher (1996, 1997, 1998, 2000, 2001a, 2001b, 2002), portadoras de noções basilares (como a de tradição discursiva, de recontextualização, de autonomização e de meio e concepção na relação fala e escrita). Seguindo também a visão tripartida de Coseriu (1981b, p. 269 apud OESTERREICHER, 2001b, p. 201): “*a linguagem é uma atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre segundo técnicas historicamente determinadas”* (grifos do autor), Oesterreicher (2001a) situa a sua definição de tradição discursiva:

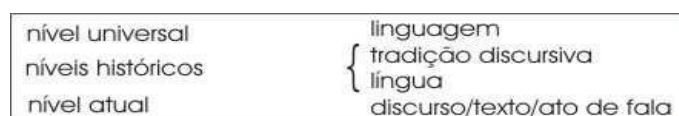
- No nível universal estão situadas todas as atividades da linguagem que utilizam estratégias comunicativas concernentes a referenciação, predicação, contextualização, argumentação, narração, orientação espaço-temporal, entre outros tipos de universais da linguagem (COSERIU, 1987).

- No nível histórico, o autor distingue dois domínios: as tradições discursivas e as línguas históricas. Nestas estão incluídas todas as variedades orais e escritas com as suas regras fonéticas, fonológicas, morfossintáticas e lexicais resultantes da história particular de cada língua. Já as tradições discursivas englobam os tipos de texto, os gêneros (literários e não literários), os estilos etc. Para Oesterreicher (2002, p. 359):

as tradições discursivas funcionam em virtude de situações comunicativas determinadas historicamente. Todo discurso individual guiado por determinados modelos discursivos – os gêneros ou as tradições – se constitui no marco de uma série de constelações comunicativas que controlam os traços específicos de cada discurso e as possíveis modalidades de sua produção e recepção.

- No nível individual inserem-se as atualizações de discursos, seja falado ou escrito, produzidos por um sujeito ou uma instituição dentro de uma comunidade. O esquema abaixo sintetiza os três níveis

Figura 1: Os três níveis da língua na perspectiva coseriana



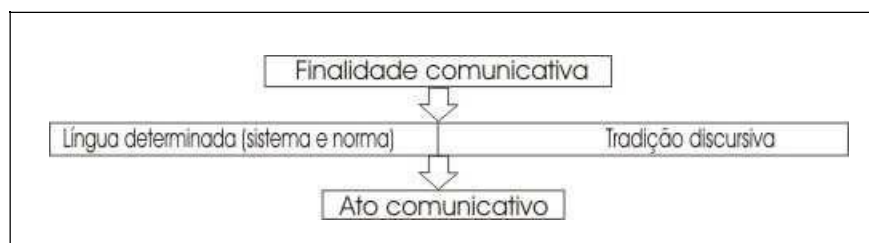


Essa dupla historicidade que emerge do nível histórico propõe que “*junto à historicidade da língua haveria que ter em conta a historicidade das tradições discursivas*”<sup>4</sup> (KABATEK, 2001, p. 99) e coloca em cena a noção de tradição discursiva, muito proveitosa para a teoria da mudança lingüística, por aproximar a evolução da lingüística pragmática com a história da língua, na medida em que permite ver “*as continuidades e discontinuidades da evolução textual, e talvez de uma possível evolução lingüística paralela*”<sup>5</sup> (KABATEK, 2001, p. 100).

Com outras palavras, mas assumindo o mesmo ponto de vista, Frank e Hartmann (1993, p. 32) asseveram que, com o estabelecimento de tradições de textos fixados nos contextos espaço-temporal e comunicativo estáveis, é possível tomar conhecimento de escritos anteriores e ter lugar, no interior dos diferentes gêneros, uma evolução da língua vulgar escrita<sup>6</sup>. Esse é um dos pressupostos básicos para quem pretende estudar a historicidade da língua e do texto.

A dupla ação que os usuários da língua executam em seus atos comunicativos, ou seja, eles tentam uma finalidade comunicativa e acionam o conhecimento acerca da língua e as tradições textuais de que dispõem em seu grupo social para realizar suas ações sociais.

Figura 2: A dupla ação do ato comunicativo



Nesse esquema, percebemos a total imbricação entre língua e tradições discursivas, a ponto de a adoção de uma nova tradição discursiva, conseqüentemente, receber e provocar atitudes criativas produzidas por inovações próprias de cada língua,

<sup>4</sup> Tradução nossa do original: “*junto a la historicidad de la lengua habría que tener en cuenta la historicidade de las tradiciones discursivas*”.

<sup>5</sup> Tradução nossa do original: “*las continuidades y discontinuidades de la evolución textual y tal vez de una posible evolución lingüística paralela*”.

<sup>6</sup> Recorte e tradução nossa do original: “*avec l'établissement de traditions de textes enracinées dans des contextes spatio-temporels et communicatifs stables, que devient possible une prise en compte de expériences de mise par écrit antérieures et que peut avoir lieu, à l'intérieur des différents genres, une évolution de langue vulgaire écrite*”.

de cada cultura, de cada sociedade, de cada época, tanto no ato da produção quanto da compreensão, pois o saber das tradições é um saber compartilhado pelos interlocutores. Pelas palavras de Jungbluth (1998, p. 341): “*escrever é seguir os costumes dos antecessores. Junto com a sucessiva ontogênese da capacidade de escrever se aprendem os moldes tradicionais dos diferentes gêneros de texto*”. É bom destacar que os moldes não se referem exclusivamente à forma, mas também ao funcionamento do texto.

Percebe-se, então, que uma produção discursiva qualquer exige que o produtor coordene a sua finalidade comunicativa, a escolha da tradição discursiva e as regras da língua escolhida. Em outras palavras, Oesterreicher (1996, p. 319) comenta que “*as diferentes condições de comunicação conservam certas estratégias discursivas como, por exemplo, graus de planificação, de elaboração sintática, diversos tipos de progressão semântica etc., e implicam determinadas regulações pragmáticas do discurso*”<sup>7</sup>. Daí a importância, que ressaltamos, mais uma vez, de estudar as mudanças da língua em paralelo com as modificações das tradições discursivas.

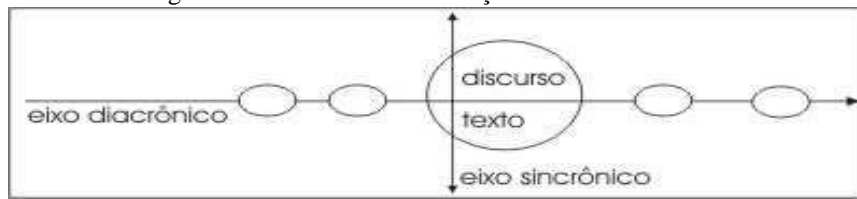
Para a escolha da tradição discursiva adequada à finalidade comunicativa desejada, os interlocutores dispõem de um contínuo comunicativo com textos produzidos no meio fônico ou gráfico (meio de produção) que variam no contínuo concepcional da oralidade em proximidade comunicativa, como uma conversação espontânea, à escrita em distância comunicativa, como os textos legais (LUDWIG SÖLL, 1983-1985 apud OESTERREICHER, 2001a; KOCH/OESTERREICHER, 1985-1990 apud OESTERREICHER, 2001a; MARCUSCHI, 2001; OESTERREICHER, 2002; PESSOA, 2003).

Tomando proveito dessa idéia do contínuo discursivo, em termos metodológicos, o estudo da história da língua em relação com a história dos textos requer que o texto seja situado e estudado tanto na série sincrônica como na série diacrônica. Jungbluth (2004, pautada em HABLER, 2001) descreve esse processo como uma dupla recontextualização dos discursos. Na perspectiva sincrônica, ocorre a contextualização no mundo discursivo e na diacrônica o texto é situado na seriação das tradições discursivas, como demonstra o esquema abaixo:

---

<sup>7</sup> Tradução nossa do original: “*Las diferentes condiciones de comunicación conllevan ciertas estrategias discursivas como, por ejemplo, grados de planificación, de elaboración sintáctica, diversos tipos de progresión semántica, etc., e implican determinadas regulaciones pragmáticas del discurso*”.

Figura 3: Os dois eixos da tradição discursiva



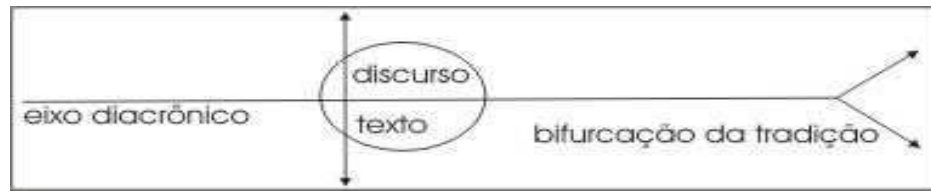
No eixo vertical são reconstruídas as relações com outros textos contemporâneos. Já no eixo horizontal busca-se reconstruir a relação com outros textos, antecessores e sucessores de um mesmo conjunto de gêneros, que representam as tradições discursivas. Essa dupla recontextualização fornece pressupostos basilares para a interpretação dos dados.

A recontextualização é um termo encontrado em Oesterreicher (2002)<sup>8</sup> para designar o processo de reconstrução das diversas relações semióticas do texto antigo por parte do observador, ou seja, é uma reconstrução da performance do texto. Schmidt-Riese (2002, p. 21) considera que a recontextualização representa a superação do desencontro entre história e presente, pois “*uma análise do discurso histórico deveria ter em conta, claro está, as características de produção próprias da época considerada, como, por exemplo, o manejo da relação emissor-receptor por parte do emissor*”. A contraparte deste conceito é o processo de “independência do texto”, que recebe o nome de autonomização. Nesse caso, o texto conserva seus próprios recursos, tipos discursivos e modalidades semânticas para possibilitar a reconstrução dos múltiplos modos semióticos.

Esse aspecto processual e móvel das tradições discursivas pode ser atribuído a duas propriedades expostas por Oesterreicher (2001a e 2001b): a variabilidade e o dinamismo. A primeira remete para o caráter heterogêneo dos textos sob o ponto de vista de sua concepção. Uma entrevista com um político não é homogênea em todas as situações interativas semelhantes, como também não há homogeneidade nos editoriais jornalísticos, sem que eles deixem de pertencer ao mesmo grupo de textos. A segunda diz respeito à historicidade essencial das tradições discursivas concretas, que passa pela criação, fixação, expansão, transformação, perda de importância social e desaparecimento completo das formas discursivas. Esse processo de mudança dos textos é representado pelo esquema da bifurcação (JUNGBLUTH, 2004), no qual uma só tradição discursiva se desdobra em duas tradições distintas e assim sucessivamente.

<sup>8</sup> Versão revisada de Oesterreicher, 1998.

Figura 4: Esquema da bifurcação da tradição discursiva



Em síntese, Oesterreicher (1998) apresenta algumas questões relevantes para a metodologia da lingüística diacrônica em geral, que vale a pena rever. São elas:

- o objeto de investigação lingüística deve ser visto sempre em relação a um espaço comunicativo determinado, resultado de processos históricos e em co-variação com os interesses da lingüística;

- o espaço comunicativo tem a forma de um contínuo entre a proximidade comunicativa e a distância comunicativa;

- ao longo do contínuo antropológico-universal que se dá entre a proximidade comunicativa e a distância comunicativa estão situadas as dimensões da variação lingüística;

- o conjunto das normas descritivas ou variedades constitui o espaço variacional de uma língua histórica;

- na diacronia das línguas só estão ao nosso alcance os discursos produzidos no meio gráfico, manuscritos ou impressos.

Percebe-se, então, que em uma lingüística histórica é preciso contar com uma concepção ampla, interdisciplinar e funcionalista da língua/linguagem, o que revela a superação dos estudos diacrônicos nos moldes tradicionais. Desse modo, são muitos os panoramas possíveis de análise.

## 6. Considerações finais

De início, a incursão pela tradição retórica revelou que há um contínuo entre as abordagens de gênero na antiguidade e as abordagens atuais. As estratégias retóricas gregas para a organização de um discurso, identificando as suas partes constitutivas, são até hoje retomadas, com as devidas adaptações, para analisar a organização argumentativa do editorial, por exemplo, como se faz com a utilização do modelo CARS (SWALES, 1990) da nova retórica, perspectiva que apontou para os novos rumos da retórica no século XX.

Outra idéia que emergiu dessas reflexões diz respeito à opção por uma abordagem que supere o reducionismo das análises classificatórias. Essa opção poderia pautar-se nas ramificações dos textos. Isso significa considerar o que há de processual, relativamente estável (BAKHTIN, 1992a) e histórico nos textos. Em vista disso, não parece suficiente a classificação pura e simples dos textos, mas sim a opção por buscar, no percurso das tradições discursivas, elementos que possam demonstrar processualmente como é possível a ocorrência da diversidade, sem que haja desvinculação do tronco comum que as originou.

No Brasil, dão continuidade a essa perspectiva de trabalho as pesquisas desenvolvidas no Projeto História do Português Brasileiro (IAPECHINO, 2004) e na área temática de *Corpora* diacrônicos: tradições discursivas entre oralidade e escrita e tipologia textual, como, por exemplo, as peças de teatro (LOPES, 2005); os anúncios (BRANDÃO, 2005); textos manuscritos e impressos jornalísticos (PESSOA, 2005); e editoriais (GOMES, 2007). Embora essas pesquisas apresentem procedimentos metodológicos bem variados, o que merece uma atenção especial para manter a coerência com a perspectiva teórica, todos apresentam proximidade no que tange às questões que abordam.

Nesse sentido, os estudos que consideram a variabilidade e o dinamismo da língua e das tradições discursivas requerem uma aproximação entre sincronia e diacronia (OESTERREICHER, 2001a; 2001b; KABATEK, 2003; JUNGBLUTH, 2005a; 2005b). Sem assim, Antos (1997, p. 4) tem razão ao afirmar que: “*A pressuposição de tal conceito processual e dinâmica do texto, pelo ponto de vista sincrônico, exige, com relação à área diacrônica, uma aproximação correspondente, nomeadamente, uma abordagem que parte da gênese dos textos*”<sup>9</sup>. Sem dúvida, os estudos complementares nesses dois sentidos têm contribuído para uma compreensão mais ampla dos textos e da língua.

## 7. Referências bibliográficas

ANDRADE, Maria Lúcia. **Relevância e contexto:** o uso de digressões na língua falada. São

---

<sup>9</sup> Texto traduzido do original alemão por Hans Peter Wieser, professor de latim, alemão e sociolinguística da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e aluno do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada da mesma entidade. Seguimos a numeração das páginas da versão traduzida, pp. 1-19.

- Paulo: Humanitas / FFLCH/ USP: Fapesp, 2001.
- ANTOS, Gerd. Os textos como formas constitutivas do saber. Sobre algumas hipóteses para uma fundamentação da lingüística de texto à base de uma teoria evolucionária. In: ANTOS, Gerd / HEIKE, Tietz (Eds.) **O futuro da lingüística de texto**. Tradições, transformações, tendências. Tübingen: Niemeyer, 1997, pp. 43-65.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992b.
- BAZERMAN, Charles. Systems of Genres and the Enactment of Social Intentions. In: FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter (Eds.). **Genre and the new rhetoric**. London/Bristol, Taylor & Francis, 1994, pp. 79-101.
- \_\_\_\_\_. **Formas sociais como habitats para ação**. In: Investigações: Lingüística e Teoria Literária. Vol. 16, número 2, jun/2003. pp.123-141, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Organização: Angela Paiva Dionísio e Judith Chambliss Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1980.
- BHATIA, Vijay K. **Análise de gêneros hoje**. Tradução Benedito Gomes Bezerra. Reveu Beige de Philologie et d'Histoire, Bruxelles, 1997.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Discurso e tradição em anúncios da imprensa brasileira: da informação à sedução-imagens do cotidiano. In: CIAPUSCIO, Guiomar; JUNGBLUTH, Konstanze; KAISER, Dorothee e LOPES, Célia (Eds.) **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Frankfurt a.M. (Vervuert), 2005.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC, 1999.
- COSERIU, Eugeniu. **Gramática, semântica, universales: estudios de Lingüística Funcional**. Madrid: Editorial Gredos, 1987.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FRANK, Bárbara & HARTMANN, Jörg. L' "inventaire systematique des premiers documents des langues romanes". In: SELIG, Maria; FRANK, Barbara & HARTMANN, Jörg. **Le passage à l'écrit des langues romanes**. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1993, pp. 31-37.
- GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. **Português do Brasil: história, memória e autoria.** Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

JUNGBLUTH, Konstanze. **El carácter de los textos semiorales y el junctor que.** In: OESTERREICHER, W. (Ed.). Competencia escrita, tradicion discursiva y variedades lingüísticas. El español em los siglos XVI y XVII. Tübingen: Narr, 1998, pp. 339-358.

\_\_\_\_\_. **Corpus – corpora: o método da seriação e outros aspectos.** Colóquio Internacional (Argentina – Brasil – Alemanha), Freudesntadt, 8-10/07/2004.

\_\_\_\_\_. **A tradição discursiva dos livros de família na România Velha e Nova.**

Conferência na Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 04/03/2005, 2005a

\_\_\_\_\_. **Convergências e divergências na história das línguas românicas:** contribuições para uma teoria da mudança lingüística. Minicurso ministrado no IV Congresso Internacional da ABRALIN. Brasília, 21-25/02/2005, 2005b

KABATEK, Johannes. Como investigar lãs tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: Daniel Jacob e Johannes Kabatek (Eds.) **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica:** Descripción gramatical - pragmática histórica – metodologia. Vervuert: Iberoamericana, 2001, pp. 97-132.

\_\_\_\_\_. **Tradiciones discursivas y cambio lingüístico.** Fundacion Duques de Soria. Seminário de História da língua espanhola “El cambio lingüístico na historia española. Nuevas perspectivas. Soria, Del 7 al 11 de Julio de 2003.

KLINKENBERG, Jean-marie. Prefácio. In: MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.).

**Retóricas de ontem e de hoje.** São Paulo: Humanitas Editora/FFLCH/USP, 1997, pp. 11-15.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Correlações histórico-sociais e lingüístico-discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil – séculos XVIII e XIX. In: CIAPUSCIO, Guiomar; JUNGBLUTH, Konstanze; KAISER, Dorothee e LOPES, Célia (Eds.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica.** Frankfurt a.M. (Vervuert), 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação.** Tadução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Angela Paiva Dionísio, Anna Rachel machado e Maria auxiliadora Bezerra (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, pp. 19-36

\_\_\_\_\_. **Co-texto e contexto no processo de textualização.** Recife: UFPE. (Mimeo), 2003.

\_\_\_\_\_. **Tendências II: Tradição clássica versus escola norte-americana.** Recife, PG em



Letras – UFPE. (Mimeo), 2004a.

\_\_\_\_\_. **Conceituação e tomada de posição:** problemas com a questão da classificação e categorização dos gêneros; noção de tipo textual; gênero textual; seqüências e domínios. Recife, PG em Letras – UFPE. (Mimeo), 2004b.

MILLER, Carolyn R. Genre as social action. In: Aviva Freedman & Peter Medway (Eds.)

**Genre and the new rhetoric.** Londo: Taylor & Francis, 1984, pp. 23-42.

\_\_\_\_\_. Rhetorical Community: cultural basis of genre. In: FREEDMAN, Aviva & MEDWAY, Peter (Eds.) **Genre and tennew rhetoric.** Londo/Bristol, Taylor & Francis, 1994, pp. 67-78.

NEF, Frédéric. **A linguagem:** uma abordagem filosófica. Tadução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

OESTERREICHER, Wulf. **Lo hablado en el escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a uma tipología.** In: KOTSCHI, T. / OESTERREICHER, W. / Zimmermann, K. (Eds.). *El español hablado y la cultura oral em Espana y Hispanoamérica.* Frankfurt am Main: Vervuert / Madrid: iberoamericana, 1996, pp. 317-340.

\_\_\_\_\_. **Cajamarca 1532** – diálogo y violência. Los cronistas y la elaboración de una historia andina. *Lexis* vol. XXI (2), 1997, pp.211-271.

\_\_\_\_\_. Bloqueos epistémicos en la lexicología histórica o el miedo a la variación. Considerando el español em América (siglo XVI). In: Wulf Oesterreicher et al. (Eds.)

**Competencia escrita, tradiciones discursivas y variedades lingüísticas:** aspectos del español europeo y americano en los siglos XVI y XVII. Tübingen: Narr, 1998, pp. 37-142.

\_\_\_\_\_. **Aspectos teóricos y metodológicos del análisis del discurso desde uma perspectiva histórica:** el coloquio de Cajamarca 1532. In: José Jesús de Bustos Tovar et al. (eds.) *Lengua, discurso, texto.* Madrid: Universidade Complutense de Madrid / Visor, 2000, pp. 159-199.

\_\_\_\_\_. **Langage parlé et langage écrit.** Lexicon der romanistischen Linguistik. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, vol. 1,2, s.v. 62. Gesprochene Sprache und geschriebene Sprache, 2001a, pp. 584-627.

\_\_\_\_\_. La ‘recontextualización’ de los géneros medievales como tarea hermenêutica. In: JACOB, Daniel / KABATEK, Johanes (Eds.). **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica.** Frankfurt am Main: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 2001b, pp. 199-231.

\_\_\_\_\_. Autonomización del texto e recontextualización. Dos problemas fundamentales en las ciencias del texto. In: Eduardo Hopkins Rodríguez (Ed.) **Homenaje Luis Jaime Cisneros.** Lima, Pontificia Universidad Católica del peru, vol. I, 2002, pp. 343-387.

PESSOA, Marlos de Barros. **Formação de uma variedade urbana e semi-oralidade**: o caso do Recife, Brasil. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2003.

\_\_\_\_\_. O primeiro número do Diário de Pernambuco: tradições discursivas e gramática. In: CIAPUSCIO, Guiomar; JUNGBLUTH, Konstanze; KAISER, Dorothee e LOPES, Célia (Eds.). **Sincronía y diacronía de tradiciones discursivas em Latinoamérica**. Frankfurt a.M. (Vervuert), 2005.

RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil 1500-1822** – com um breve estudo geral sobre a informação. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos Editora, 1946.

\_\_\_\_\_. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 1993.

SCHMIDT-RIESE, Roland. Glosando las confesiones de los hermanos Ávila. Discurso e identidad en la Nueva Espana a finales del siglo XVI. In: **Revista de Lingüística y Literatura**. Vol. XXVI, Nº 1. Departamento de Humanidades – Pontificia Universidad Católica Del Peru, 2002, pp. 3-78.

SCHILIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da lingüística**. Trad. Fernando Tarallo et. al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SWALES, John M. **Genre analysis**. English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologia textual, ensino de gramática e o livro didático. In: HENRIQUES, Cláudio Cezar (Org.). **Língua e cidadania**: novas perspectivas para o ensino. Rio de Janeiro: Ed. Europa, 2004, pp. 114-138.